

SAUDAÇÃO A JOSÉ SARAMAGO

Felício Wessling Margotti

Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Eu nunca separo o escritor que sou do homem que sou, e até diria do cidadão que sou.

A Universidade Federal de Santa Catarina concedeu ao escritor português José Saramago, em 18/08/1999, o título de Doutor Honoris Causa. A concessão desse título representou uma singular oportunidade de render justo e merecido tributo ao primeiro escritor da língua portuguesa agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura. Embora, como muito bem afirmou o escritor moçambicano Mia Couto, “antes deste Prêmio Nobel, já tínhamos recebido um prêmio maior, que era ter na nossa família um escritor do tamanho de Saramago”, e a família a que se referia era, obviamente, a grande família da língua portuguesa.



Saramago destaca-se na literatura ocidental como divulgador do moderno romance português aos mais diversos públicos, projetando a cultura de língua portuguesa para muito além das fronteiras de seu país. A inclusão de um autor entre os contemplados com o mais importante e prestigiado prêmio literário do mundo torna a língua portuguesa “mais visível” e “mais audível”, diz o autor de “Memorial do convento”, servindo, ao mesmo tempo, à “defesa e difusão” das culturas de língua portuguesa.

Por ocasião de sua morte, assim como o fizemos na homenagem prestada pela UFSC, relembremos alguns episódios da vida de Saramago e retomamos alguns tópicos do conjunto de sua obra, especialmente os romances, cujos personagens são sempre os excentrados da História, dominados e explorados.

José Saramago é de origem camponesa. Por falta de dinheiro, não chega a completar o curso ginásial, ou “liceal”, na expressão portuguesa. Até os 44 anos, sua vida tem pouca relação com a literatura. Foi serralheiro, desenhista, funcionário de saúde pública e depois editor. “Eu não me preparei para ser escritor. Sou escritor por acaso”, afirma Saramago. Ele gosta de lembrar que, até os 20 anos, não possuía nenhum livro. Tudo o que lia tomava emprestado de bibliotecas públicas. Nessa época, ensaia sua estreia na literatura com o romance “Terra de pecado”, publicado em 1947. O livro não obteve sucesso, deixando em

Saramago a impressão de que tinha pouca coisa a dizer e, então, fica em silêncio por quase vinte anos. Volta à cena literária, em 1966, com a coletânea de versos “Os poemas possíveis”. Nessa época, por trabalhar numa editora, passa a estar mais próximo do mundo literário e a colaborar com jornais, quando, além de três livros de poesia, publica muitas crônicas e alguns ensaios políticos.

A partir de 1975, ocorre a grande virada na vida de José Saramago. Aos 53 anos, é o diretor-adjunto do jornal Diário de Notícias, posto que teve de abandonar por imposição dos contrarrevolucionários ao movimento que derrubara a ditadura salazarista um ano antes.

Saramago decide, então, fomentar o talento que o transformaria no mais popular romancista de seu país. Costuma dizer: “foi em 1980 que eu me tornei um escritor de verdade. [...] Eu sou um escritor da nova geração.” Supondo-se que se começa a publicar com 20, 23 anos, “literariamente, então, eu tenho 45 anos. Sou um menino.” Assim, se do imaginário Livro das evidências citou o aforismo “Conheces o nome que te deram, não conheces o nome que tens”; se do Livro dos conselhos, também imaginário, citou: “Enquanto não alcançares a verdade, não poderás corrigi-la Porém, se a não corrigires, não a alcançarás. Entretanto, não te resignes.”; a epígrafe do Livro das tentações, que poderá vir a ser escrito, imagina o escritor, será: “Deixa-te levar pelo menino que foste”.

Cabe explicar aqui as razões pelas quais Saramago torna-se um escritor de verdade em 1980, uma vez que antes já escrevera romances, poesia, crônicas, contos e teatro. Diz Saramago:

O tema que eu tinha estava claríssimo, era um romance neo-realista. [...] Eu tinha uma história para contar, a história dessa gente, de três gerações de uma família de camponeses do Alentejo, com tudo: a fome, o desemprego, o latifúndio, a polícia, a igreja, tudo. Mas me faltava alguma coisa, me faltava saber como contar isso. [...] Tinha o que contar, mas não sabia como.

Inicia a escritura, finalmente; o romance era “normalzinho”, mas isso não satisfazia o autor. O resultado não era bom. Deixa-se, então, envolver pela fala da gente com quem estivera nos últimos três anos. Deixa-se envolver pela oralidade e começa a escrever como todos os seus leitores já sabem: sem pontuação, ouvindo as vozes soarem dentro da cabeça. Levantado do chão passa a ser, então, o romance que marca essa passagem da escrita de Saramago, tanto em sentido temporal, quanto estilístico e de gênero. Sobre o título, fala o autor:

Do chão sabemos que se levantam as searas e as árvores, levantam-se os animais que correm os campos ou voam por cima deles, levantam-se os homens e as suas esperanças. Também do chão pode levantar-se um livro como uma espiga de trigo ou uma flor brava. Ou uma ave. Ou uma bandeira.

O romance é a saga de Domingos Mau-Tempo e de seus descendentes, percorrendo a história de Portugal no século XX até a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974.

“Memorial do convento”, publicado em 1982, faz de Saramago uma celebridade e consolida seu estilo inconfundível. É um texto multifacetado e plurissignificativo em que, a pretexto de narrar a construção de um convento na cidade de Mafra, durante o reinado de Dom João V, Saramago compõe uma epopeia da gente portuguesa. A história é recheada de traições na corte e dos trabalhos infundáveis do povo, gente como o soldado Baltazar Mateus, o Sete-Sóis, e Blimunda, a Sete-Luas. Um retrato a um só tempo satírico e pungente da alma lusitana.

Nos romances de Saramago, os nexos textuais entre ficção e história são constantes. Por exemplo, em “O ano da morte de Ricardo Reis”, publicado em 1984:

procede-se a um périplo revelador dos lugares de certa melancolia coletiva, mesmo quando interceptada pelos rituais do Estado Novo, e à deambulação interior de uma personalidade que, a partir do célebre heterônimo pessoano, cruza, num segmento de meses, a atmosfera política do País. (Gerana Damulakis, A Tarde, 05-12-98).

A frase “aqui o mar acaba e a terra principia”, que abre a narrativa, significa o fim do caminho que levou Ricardo Reis do Rio a Lisboa. E a paródia “Aqui, onde o mar se acabou e a terra espera” fecha o texto, enriquecida pela carga semântica de mais de quatrocentas páginas. É evidente a intertextualidade com o verso épico de Camões: “Onde a terra se acaba e o mar começa.” Vê-se, com clareza, que o romance transita por uma das linhas mestras da narrativa portuguesa contemporânea: a busca de uma nova identidade para um país órfão de sua história de portugueses marinheiros. Trazendo Ricardo Reis para Portugal, precisamente um mês após a morte de Fernando Pessoa, o autor constrói a metáfora de Portugal, regressando a si mesmo.

Em “A Jangada de Pedra”, o escritor usa uma imagem fantástica. Uma série de acontecimentos sobrenaturais culmina com a separação da Península Ibérica, que se desprende do continente europeu, começa a vagar pelo Atlântico, rumo ao sul, ou seja, identificando-se com o novo mundo. Saramago reflete sobre a política de unificação europeia e os dilemas da identidade nacional. A utopia é descentrar o eixo norte-norte, arrogante e dominador, ligando a Península Ibérica à América do Sul e à África, promovendo a fraternidade dos dominados, núcleo de sua obra ficcional.

Em Saramago é saliente a vinculação de seus textos à história, não com o intuito de reconstruí-la, mas reinventá-la, interrogando o passado para esclarecer o presente. Ao trabalhar uma outra história possível, não de Portugal, mas dos portugueses, o escritor é a voz dos que estão sem voz. Em “História do cerco de Lisboa”, a intenção é dialogar com a

história, destacando-se a visão irônica do narrador, hábil em confundir e em dissimular, e a intenção desestabilizadora: “cada um de nós cerca o outro e é cercado por ele”. O acréscimo de um não à frase “os cruzados auxiliarão os portugueses a tomar Lisboa” altera a História sem que o romance perca a sua referencialidade, assim, todo o passado é alterado em função do presente que lhe confere outra ordem. A opção de Saramago é tomar a história como sujeito, retirar esse sujeito do seu palco natural, consagrado, para dar-lhe outro sentido, uma nova ordem. O autor vê assim seu livro:

Em sentido amplo, embora a afirmação possa parecer algo pretensiosa, a “História do cerco de Lisboa” é um livro contra os dogmas, isto é, contra qualquer propósito de arvorar em definitivo e de modo inquestionável o que precisamente sempre definiu o que chamamos condição humana: a transitoriedade e a relatividade.

Saramago, que escreve romances de rupturas com vários cânones e publica livros de nosso desassossego, consegue ser ainda mais polêmico ao abordar temas religiosos. “O evangelho segundo Jesus Cristo”, em que humaniza o Cristo, quase lhe valeu a “excomunhão”. Na época do lançamento, tem sua participação em um concurso vetada pelas autoridades portuguesas. O romance sobre a vida de Jesus encerra reflexões sobre grandes questões da tradição ocidental. Deus e o Diabo negociam sobre o mal, Jesus Cristo contesta seu papel e desafia a Deus. Nessa obra, o autor retoma o Cristo dos Evangelhos Canônicos e o Cristo banido dos Evangelhos Apócrifos. Tem-se o Cristo histórico, o que nasceu, viveu e morreu na Palestina, num determinado período histórico, retomado em suas lacunas e construído na confluência de vários textos.

Sem repetir, mas repetindo-se – “bem vistas as coisas, sou só a memória que tenho, e essa é a história que conto” – Saramago faz nascer, no “Ensaio sobre a Cegueira”, um mundo em que a própria realidade física, em seu aspecto visível, desaparece, mantendo-se os objetos e sua ordem como signos. “Por que, sendo nós seres dotados de razão, nos comportamos de maneira tão irracional?”, pergunta. A resposta é um alerta: “a dignidade do ser humano é todos os dias insultada pelos poderosos do mundo”. Mas “o livro é apenas uma pálida imagem de nossa realidade.

A verdade é que o instinto dos animais defende melhor a vida do que a nossa razão, que, pelo contrário, tem servido para dominar, humilhar, explorar o outro. É evidente que o mundo é violento, não há nada a fazer. Mas nós acrescentamos à violência a crueldade, que é uma invenção humana.” Em “Ensaio sobre a cegueira”, o leitor não encontra nomes, mas sim o primeiro cego, a rapariga de óculos escuros, o velho da venda preta, o médico oftalmologista, a mulher do médico, ou aquela que não se sabe quem seja – todos anônimos. Todos os habitantes de uma cidade perdem a capacidade de enxergar, exceto a mulher do

médico. Assume, então, o papel de líder político em meio ao caos das trevas. É a voz da resistência às diversas formas de opressão que se instalam na civilização dominada pela cegueira.

Interrogando-se sobre a relação do homem com o mundo, Saramago penetra no ambiente fechado e totalitário do Registro Civil, onde a presença ou a ausência de um nome (e de sua rasura) podem fazer desaparecer o Sujeito. Apesar do título, o romance “Todos os nomes” tem apenas um personagem com nome, um nome comum: José. José coleciona recortes de jornal sobre pessoas famosas, mas as notícias não são precisas e ele decide checá-las em labirínticos arquivos. José, ou todos os homens, tem manias e imensa carência. Todos os nomes é “a mais simples de todas as histórias”, “a que contém todos os nomes”, “dos vivos e dos mortos”.

Os livros de Saramago estão por toda parte como “uma galáxia pulsante, e as palavras, dentro deles, são outra poeira cósmica flutuando, à espera do olhar que as irá fixar num sentido, ou nelas procurará o sentido novo” (História do cerco de Lisboa, p. 26). A escrita de Saramago, dotada de notável capacidade especular, seduz e estabelece dialogias e oposições. Ela harmoniza a elaboração formal com a prática digressiva da oralidade. Sobre Saramago, afirma José Manuel Mendes:

ao abandonar regras de pontuação e investir em prosódica inconfundível, não se dissocia de projetos cujas implicações tangem uma corda profunda: fundir crônica, poesia, estratégia dramática e narração num plasma novo, fluido, que desafia hermenêutas e teóricos; lavar o sobrenatural, o maravilhoso, o enigmático, como se, de fato, fossem ainda a margem tumultuária de nossa identidade e não sobretudo “a noite e o nevoeiro” com que, deslumbrados ou, em pânico, nos confrontamos. [...] Desta maneira, intermediando o que mantemos secreto, inquições, alegrias, potencialidades, clamores, agindo por dentro dos problemas individuais e coletivos, José Saramago desvenda o íntimo da condição humana e empreende, contra as leis do transitório, uma obra suprema.

Tomando emprestadas as palavras do narrador de História do cerco de Lisboa, pode-se então afirmar: “Só não se acabou ainda de averiguar se é o romance que impede o homem de esquecer-se, ou se é a impossibilidade de esquecimento que o leva a escrever romances”.